

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

**A MORTE E SUA INEVITÁVEL DOR PERPASSANDO SÉCULOS ATRAVÉS DE ÁLVARES DE AZEVEDO, CECÍLIA MEIRELES E AUGUSTO DOS ANJOS.¹
DEATH AND ITS INEVITABLE PAIN PERPASSING CENTURIES THROUGH ALVARES OF AZEVEDO, CECÍLIA MEIRELES AND AUGUSTO DOS ANJOS.**

Daniela Kleinübing Käfer²

¹ Projeto de Pesquisa realizado no curso de Letras da Unijuí

² Aluna do curso de Letras - Português/Inglês da Unijuí.

INTRODUÇÃO

“A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono [...]; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal.” Octavio Paz

O trabalho a seguir almeja tratar do tema morte. Perpassando a criação Pistóia - Cemitério Militar Brasileiro, de Cecília Meireles, escritora com um pé no simbolismo, mas em um momento de transição de tempos na literatura e nas artes. Artista sensível, singela e complexa em sua profundidade humana. Falaremos também do escritor Álvares de Azevedo, com a obra Meu Sonho. Este, em sua obra trata do tema da morte como algo inquietante e assustador em mesma medida, poeta genial do romantismo, nesta obra trata da obscuridade da morte. E temos ainda Augusto dos Anjos, com o poema A Vitória do Espírito. Artista bastante satírico e adepto da crueldade da vida e da morte. Todos os três tratam da morte em sua transcendência, em sua finalidade, algo com o qual o ser humano não deseja travar contato, mas do qual não pode fugir. Esses renomados artistas tratam da morte enquanto dilaceração da alma humana, enquanto chaga difícil de lidar e suportar. A morte crua, pelo que ela é, brutal, cruel, uma visita para a qual não podemos fechar a porta.

La muerte designa el fin absoluto de algo positivo y vivo: un ser humano, un animal, una planta, una amistad, una alianza, la paz, una época. No se habla de la muerte de una tempestad y sí en cambio de la muerte de un hermoso día. En cuando símbolo la muerte es el aspecto perecedero y destructor de la existencia. Indica lo que desaparece en la ineluctable evolución de las cosas [...] nos introduce en los mundos desconocidos de los infiernos o los paraísos [...] muerte nos libra de las fuerzas negativas y regresivas, a la vez que desmaterializa y libera las fuerzas ascensionales de la mente. Aunque es hija de la noche y hermana del sueño, posee como su madre y su Hermano el poder de regenerar. (CHEVALIER, 1986, p. 731)

METODOLOGIA

A metodologia utilizada baseia-se em pesquisa bibliográfica que corrobore e dê elementos para a discussão a que este resumo se propõe: como reconhecer e lidar com a morte na poesia. Assim, os

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

estudos serão pautados nas obras e nos seus elementos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Álvares de Azevedo nasceu em 1831 e é bastante conhecido como o “escritor mais bem dotado de sua geração” (BOSI, 1994, p. 110). Tem por característica “melodias lânguidas e fáceis que se prestam antes à sugestão de atmosferas que ao recorte nítido de ambiente” (BOSI, 1994, p. 111), lembra o escritor Augusto dos Anjos em sua forma de linguagem, porém, o último ainda recebe um acréscimo de termos científicos em suas produções. Segundo Bosi ainda “[...] Álvares de Azevedo caminhava na esteira de um Romantismo em progresso enquanto trazia à luz da contemplação poética os domínios obscuros do inconsciente” (BOSI, 1994, p. 113).

Para tanto, temos no poema Meu Sonho, essa sugestão a uma atmosfera do inconsciente, do terror frente à morte certa. A produção referida tem ainda ares doentios, dolorosos e de culpa, trazendo a imagem do fantasma como uma assombração, que faz o eu-lírico reviver mazelas que o levam à morte. Porém, a morte também tem o poder de fazer ressurgir, de colocar as coisas deste mundo material no lugar delas. Chevalier traz o céu como ordenador, e a morte nada mais é do que uma determinação celeste, um poder que o humano não detém.

O elemento do cavaleiro - que posteriormente se revela em fantasma - no poema de Álvares, “es un elemento de la cultura universal y un tipo superior de humanidad.[...] Violentos, brutales, sensuales, groseros, impacientes, los caballeros no son modelos sin falta” (CHEVALIER, 1986, p. 206). Mas o cavaleiro pode ainda ser um símbolo de luta espiritual, um serviço que vem cumprir as ordens de seu senhor, levando o eu-lírico em uma viagem para através do vale, viagem do ponto em que se vê para o desconhecido, o invisível aos olhos. Transcendência. Do Mal para o Bem.

O fogo que verte dos olhos do cavaleiro, além de um fogo consumidor, também pode ser um “fuego purificador y regenerador” (CHEVALIER, 1986, p. 511), trazendo ao eu-lírico seu acerto de contas necessário para a imortalidade da alma em detrimento da matéria, do pó.

EU

Cavaleiro das armas escuras,/ Onde vais pelas trevas impuras/ Com a espada sanguenta na mão?/ Por que brilham teus olhos ardentes/ E gemidos nos lábios frementes/ Vertem fogo do teu coração?/ Cavaleiro, quem és? — O remorso?/ Do corcel te debruças no dorso.../ E galopas do vale através.../ Oh! da estrada acordando as poeiras/ Não escutas gritar as caveiras/ E morder-te o fantasma nos pés?/ Onde vais pelas trevas impuras,/ Cavaleiro das armas escuras,/ Macilento qual morto na tumba?.../ Tu escutas... Na longa montanha/ Um tropel teu galope acompanha?/ E um clamor de vingança retumba?/ Cavaleiro, quem és? que mistério.../ Quem te força da morte no império/ Pela noite assombrada a vagar?

O FANTASMA

Sou o sonho de tua esperança,/ Tua febre que nunca descansa,/ O delírio que te há de matar!...

E assim como Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos também trata a morte de maneira cruel, algo inevitável sobre a qual não temos controle ou domínio. Mas ao contrário do romântico, o poeta pré-modernista chega perto da prosa com sua descrição vívida da morte feroz e animalesca em seu poema A Vitória do Espírito.

Era uma preta, funeral mesquita,/ Abandonada aos lobos e aos leopardos/ Numa floresta

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

lúgubre e esquisita./ Engalanava-lhe as paredes frias/ Uma coroa de urzes e de cardos/
Coberta em pátio pelas laçarias./ Uma vez, aos lampejos derradeiros/ Das irisadas
vespertinas velas,/ Feras rompiam tolôs e balseiros./ E pelas catacumbas desprezadas,
Mochos vagavam como sentinelas,/ Em atalaia às gerações passadas!/ Um crepúsculo
imenso, nunca visto/Tauxiava o Céu de grandes roxos/ Da mesma cor da túnica de Cristo./
Fulgia em tudo uma estriação violeta/ E um violáceo clarão banhava os mochos/ Que em
torno estavam da mesquita preta./ Já na eminência da amplidão sidérea/ Como uma umbela,
se desenrolava/ A esteira astral da retração etérea./ Os astros mortos refulgiam vivos/
E a noite, ampla e brilhante, rutilava/ Lantejoulada de opalinos crivos./ Súbito alguém, o
passo constringendo,/ Parou em frente da mesquita morta.../ — Um vento frio começou
gemendo./ Era uma viúva, e o olhar errante, a viúva,/ Em passo lento, foi transpondo a
porta,/ Eternamente aberta ao sol e à chuva./ A Lua encheu o espaço sem limites/ E, dentro,
nos altares esboroados,/ Foram caindo como estalactites/ Sobre o ouro e a prata das alfaías
priscas/ Um dilúvio de fósforos prateados/ E uma chuva doirada de faíscas./ Fora,
entretanto, por um chão de onagras/ Vinha passeando corno numa viagem/ Um grupo feio
de panteras magras./ E havia no atro olhar dessas panteras/ Essa alegria doida da
carnagem/ Que é a alegria única das feras./ E ardendo na impulsão das ânsias doidas/ E em
sevas fúrias, infernais ardendo/ Todas as feras, as panteras todas/ Avancam para a viúva
desvalida./ E raivosas, contra ela, arremetendo,/ Tiram-lhe todas ali mesmo a vida./ Morria
a noite. As flâmulas altivas/ Do sol nascente erguiam-se vermelhas,/ Como uma exposição de
carnes vivas./ E iam cair em pérolas de sangue/ Sobre as asas doiradas das abelhas,/ E
sobre o corpo da viúva exangue./ A Natureza celebrava a festa/ Do astro glorioso em cantos
e baladas/- O próprio Deus cantava na floresta!/ Nos arvoredos rejuvenescidos,/ Estrugiam
canções desesperadas/ De misereres e de sustenidos./ Além, entanto, na redoma clara/ Que
envolve a porta da região etérea,/ O espírito da viúva se quedara/ Ao contemplar dessa
fulgente porta/ E dessa clara e alva redoma aérea,/ No desfilar de sua carne morta/ A
transitoriedade da matéria!

Augusto dos Anjos traz em sua criação muitos elementos relacionados com o céu, ou seja, um poder superior. A transitoriedade e a transcendência pontuando a escrita do eu-lírico juntamente com a dor e a crueldade.

Dos elementos que fazem alusão ao céu, segundo Chevalier, temos no poema o pátio (espécie de dossel para cobrir imagens santas), a umbella (tem formato de guarda-chuva e é usada para proteger sacerdotes), e ainda palavras que relatam o próprio céu, tais como sidérea e etérea, e a palavra Céu em si, como um nome próprio, indicando que o poeta não fala somente daquele espaço azul que podemos ver. Aliando a figura do Céu, temos a figura da mesquita abandonada, “el esoterismo islámico hace otro tanto: el Cielo, [...], está en el interior del alma y no a la inversa” (CHEVALIER, 1986, p. 141).

Dentro desse cenário bastante macabro, de mesquita abandonada, mochos vigilantes e utensílios sacros quebrados e abandonados no mato, surge a figura da viúva, uma figura vulnerável e desprovida de vínculos, um ser frágil que já tinha a desgraça como marca em seu destino. Juntamente com a morte da viúva temos a morte da noite e o surgimento do astro sol, trazendo uma “clara e alva redoma aérea”, levando a uma sugestão de que há outro plano além do palpável

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

aos nossos olhos, assim como a noite no poema de Augusto dos Anjos, a vida também é transitória, é vulnerável como a viúva. E depois da morte, temos o Céu, que não é o azul que vemos. Nesse “poema-prosa” temos um claro vislumbre da linguagem “chocante” do poeta paraibano, uma linguagem, segundo Bosi:

[...] tecida de vocábulos esdrúxulos e animada de uma virulência pessimista sem igual [...] Trata-se de um poeta poderoso, que deve ser mensurado por um critério estético extremamente aberto que possa reconhecer, além do “mau gosto” do vocabulário rebuscado e científico, a *dimensão cósmica* e a *angústia moral* de sua poesia (BOSI, 1994, p. 288).

E temos então por fim a sensível e sutil Cecília Meireles com a obra Pistóia, Cemitério Militar Brasileiro:

Eles vieram felizes, como/para grande jogos atléticos:/com um largo sorriso no rosto,/com forte esperança no peito,- porque eram jovens e eram belos./Marte, porém, soprava fogo/por estes campos e estes ares./E agora estão na calma terra,/sob estas cruzes e estas flores,/cercados por montanhas suaves./São como um grupo de meninos/num dormitório sossegado,/com lençóis de nuvens imensas,/e um longo sono sem suspiros,/de profundíssimo cansaço./Suas armas foram partidas/ao mesmo tempo que seu corpo./E, se acaso sua alma existe,/com melancolia recorda/o entusiasmo de cada morto./Este cemitério tão puro/é um dormitório de meninos:/e as mães de muito longe chamam,/entre as mil cortinas do tempo,/cheias de lágrimas, seus filhos./Chamam por seus nomes, escritos/nas placas destas cruzes brancas./Mas, com seus ouvidos quebrados,/com seus lábios gastos de morte,/que não de responder estas crianças?/E as mães esperam que ainda acordem,/como foram, fortes e belos,/depois deste rude exercício,/desta metralha e deste sangue,/destes falsos jogos atléticos./Entretanto, céu, terra, flores,/é tudo horizontal silêncio./O que foi chaga, é seiva e aroma,- do que foi sonho, não se sabe -/e a dor anda longe, no vento...

Cecília traz, em sua criação, também a transcendência, aquilo que não vemos. A poetisa tem o “sábio ecletismo” que “fê-la preferir algumas vezes o verso livre, manejando -, porém, em consonância com o tom fundamental de fuga e de sonho que acompanha toda a sua lírica.” (BOSI, 1994, p. 463). A morte nesta última criação citada é triste, cruel também em seus elementos, assim como os autores acima citados, mas ao contrários dos poetas anteriores, há uma sensibilidade e uma leveza que nos levam a pensar na possível beleza do depois de morrer. A morte no poema de Cecília Meireles é uma etapa transitória que leva a uma perfeição: “O que foi chaga, é seiva e aroma”, como já foi citado anteriormente, para Chevalier, o céu é um símbolo de ordem, de soberania de um ser invisível.

Temos Marte, com equivalente Aries, “Dios de la guerra, Ares es hijo de Zeus y Hera, [...] el más odioso de todos los Inmortables [...] furioso, esse mal encarnado, voluble [...] dios de la juventud: guía en particular a los jóvenes que emigran para fundar nuevas ciudades.” (CHEVALIER, 1986, p. 138).

Não sabemos para onde irão os jovens soldados do poema de Cecília, mas este é o ponto, estão em uma viagem emigratória para um novo lugar, uma cidade desconhecida, não explorada ou revelada aos homens. Marte é ainda o “astro que gobierna la vida y la muerte.” (CHEVALIER, 1986, p. 693). Temos a morte no poema Pistóia como a ordem do Universo, algo ao sabor do vento,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

e esse vento é o símbolo de um lugar sem dores, a nova terra para a qual os soldados meninos da poetisa estão indo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ademais, em todos os três artistas têm a marca clara da transitoriedade, da vulnerabilidade do homem frente ao espiritual e do desejo humano de compreender sobre esse lado oculto. Um lado que nos é negado conhecer ou viver. Ou quem sabe o que vivemos não é a vida e a morte sim, é a verdadeira vida. Não o sabemos, assim como os poetas não sabiam, mas o desejamos, desejamos esse lugar cheio do estranho, do incompreensível, do sobrenatural, esse lugar em que seremos donos de nós mesmos e seremos livres da prisão da terra. Sonhamos e aspiramos à perfeição, e a perfeição só pode ser encontrada onde não se vê. A perfeição de uma alma pura e de um corpo sem chagas ou máculas.

E ao final, não há como ser a mesma pessoa que iniciou esse trabalho e a mesma que o encerra, o mundo descortinado pela poesia, em especial dos três autores alvos do estudo, faz uma visão completamente nova e encantada pairar no coração. Não há como entender a morte de maneira natural, uma vez que a morte é algo superior a nós, a matéria é algo volúvel, que vai e não volta. Mas a alma, essa não se encerra dentro dos limites da matéria, ela voa com o vento ansiando o lugar em que os meninos soldados já conhecem e nós não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, Augusto dos.** *Eu & Outras Poesias*. Volume II. Rio de Janeiro: Civilização Italiana, 1982.
- AZEVEDO, Álvares de.** *Os melhores poemas de Álvares de Azevedo*/ Seleção de Antonio Candido de Mello e Souza. São Paulo: Global, 1985.
- BECHARA, Evanildo.** *Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara*. - 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- BOSI, Alfredo.** *História Concisa da Literatura Brasileira*. - 36ª Edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- CHEVALIER, Jean.** *Diccionario de los Símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- GOLDSTEIN, Norma.** *Versos, sons e ritmos*. São Paulo: Ática, 1985/2005.
- MEIRELES, Cecília.** *Poesias Completas*. 2ª Edição, vol. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973-1976.
- PAZ, Octavio.** *O Arco e a Lira*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982. Tradução de Olga Savary.

Palavras-chave: Poesia; Literatura; Morte; Análise de Elementos.

Keywords: Poetry; Literature; Death; Analysis of Elements.